

# REFLEXÃO SOBRE ALGUNS MITOS DO LIVRO “MITOLOGIA DOS ORIXÁS”: UM ESTUDO DAS FONTES.

Erick Wolff

Junho de 2013

## RESUMO

O objetivo deste texto é estudar alguns mitos polêmicos, publicados no livro *Mitologia dos Orixás*, apresentados sem informante ou fonte exata, os quais geram conceitos discutíveis no campo religioso.

**PALAVRAS CHAVES:** orixás, mitologia africana, mitologia afro-brasileira, mitos africanos.

## INTRODUÇÃO <sup>1</sup>

Alguns mitos geraram conceitos equivocados e em alguns casos até desconfiguram o àse das divindades envolvidas nestes mitos, comprometendo o culto e a própria divindade, por isso se fez importante a apresentação das fontes para que possam perceber o risco com a verdade nos mitos apresentados.

O mito que segue consta no livro Mitologia dos Orixás, possuindo as devidas referências de praxe. Confira:

### XANGÔ VENCE OGUM NA PEDREIRA (P. 286 À 287)

Xangô e Ogum sempre lutaram entre si, ora disputando o amor da mãe, Iemanjá, ora disputando o amor da amada, Oxum, ora disputando o amor companheira, Iansã. Lutaram no começo do mundo e ainda lutam agora. Ogum usa da sua força física e das armas que fabrica, Xangô usa da estratégia e da magia. Ambos são fortes e valentes, ambos são guerreiros temidos.

Mas só uma vez Xangô venceu Ogum na luta. Numa disputa que travavam por Iansã, ora a batalha pendia para um lado, ora pendia para o outro. Ninguém conseguia prever o final, ninguém podia apostar que seria o vencedor. Foi então que Xangô apelou para a astúcia, como é de seu feitio numa hora dessa. Conduziu a batalha como quem se retirava e, sem que Ogum percebesse, Xangô o atraiu para a pedreira. Foi então que Xangô apelou para a magia, como é de seu feitio numa hora dessa.

Quando Ogum estava bem no pé a montanha de pedra, Xangô lançou seu machado oxé de fazer raio e um estrondo se ouviu. Com o trovão veio abaixo uma avalanche de pedras e as pedras soterraram o desprevenido Ogum. Xangô vencera Ogum na pedreira, que desde então foi considerada o elemento de Xangô. Xangô venceu Ogum naquele dia, única vez que alguém venceu Ogum.

---

<sup>1</sup> Agradeço a Luiz L. Marins pelas observações, sugestões e fornecimento de material para estudo.

Mas esses dois filhos de Iemanjá seguem lutando ainda, ora disputando o amor da mãe, Iemanjá ora disputando o amor da amada, Oxum, ora disputando o amor da companheira, Iansã.

[161] Xangô vence Ogum na pedreira

Fonte informada: Reginaldo Prandi, **pesquisa de campo**, São Paulo, 1989. Narrado por Pai Doda Aguéssi Braga, babalorixá do Ilê Ossaim Darê, São Paulo.

Como podemos ver, a referência informa ser uma pesquisa de campo em São Paulo, traz o nome da casa pesquisada e o nome do informante, o que mostra ser este mito uma tradição desta casa, e cujo informante poderá ser consultado a qualquer tempo, para esclarecimentos.

Já os mitos a seguir devem ser desconsiderados e perigosos, gerando conceitos equivocados para a nossa cultura, recebendo como crédito de “pesquisa de campo”.

## MITOS SEM FONTE

Diferentemente do exemplo dado acima, os mitos que se seguem não possuem as devidas referências, pelo menos as principais, como: informante, casa pesquisada, cidade. Nenhum destes mitos a seguir podem ser considerados pelo povo de santo afro-brasileiro, como mitos válidos.

Lista dos mitos que serão estudados. A numeração da página refere-se ao livro Mitologia dos Orixás:

Pg.	Mito	Cidade
12,	Bará aprende a trabalhar com Ogum	(POA)
34,	Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguiã	(SA)
50,	Oxossi aprende com Ogum a arte da caça	(SP)
53,	Oxossi ganha de Orunmila a cidade de Keto	(SP)
59,	Oxossi é feito rei de Keto por Oxum	(SP)

- 68, Logun Ede é possuído por Oxossi (RE)  
99, Obaluaê tem as feridas transformadas em pipocas por Iansã (?)  
115, Euá transforma-se na névoa (SP)  
117, Euá casa-se com Oxumarê (SP)  
119, Euá é escondida por seu irmão Oxumarê (SP)  
124, Xangô é reconhecido como o orixá da justiça (SP)  
165, Iansã ganha seus atributos de seus amantes (SP)  
173, Oya sopra a forja de Ogum, e cria o vento e a tempestade (RE)  
188, Oxum Apará tem inveja de Oyá (SP)  
191, Oxum mata o caçador e transforma-se em peixe (SP)  
214, Os Ibejis são transformados numa estatueta (SP)  
215, Os Ibejis brigam por causa do terceiro irmão (SP)  
237, Iemanjá cura Oxala e ganha o poder sobre as cabeças (SP)  
255, Orunmila traz a festa como dádiva de Olodumare (?)  
256, Orunmila aprende o segredo da fabricação dos homens (SP)  
279, Ajagunã ganha uma cabeça nova (SP)

#### BARÁ APRENDE A TRABALHAR COM OGUM (P. 54 A 55)

Bará era um menino muito esperto.

Todo mundo tinha receio de suas artimanhas.

Ele enganava todo mundo, queria sempre tirar sua vantagem.

Sua mãe sempre o reprendia e o amarrava no portão da casa para ele não ir para a rua fazer traquinagem.

Bará ficava ali na porta esperando alguém se aproximar e então pedia seus favores, fazia suas artes se divertia,

Só deixava passar quem lhe desse alguma coisa.

Sua mãe então chamou Ogum e disse a ele para ficar junto com Bará e dele tomar conta.

Ogum era responsável e trabalhador.

Ogum Avagan sempre ficou morando com Bará Junto eles moram na porta da casa e se dão bem.

Bará continuou um menino danado, mas com Ogum aprendeu a trabalhar. Agora ele ainda se diverte com todos, mas para todos faz o seu trabalho.

Todos procuram Bará para alguma coisa.

Todo mundo precisa dos favores de Bará.

[12] Bará aprende a trabalhar com Ogum.

Fonte informada: Reginaldo Prandi. *Pesquisa de campo*, Porto Alegre, 1994.

Bará, corruptela de Elegbra, é o nome pelo qual Exu é referido no batuque, a religião dos orixás do Rio Grande do Sul, onde o nome de Exu é exclusivo da Umbanda e designa entidades cultuadas na linha da quimbanda, que se acredita trabalharem para o mal.

#### OGUM FAZ INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS PARA OXAGUIÃ (P. 91 À 92)

Oxaguiã, rei de Ejigbô, o Elejigbô, chamado “Orixá-Comedor-de-Inhame-Pilado”, inventou o pilão para saborear mais facilmente seus prediletos inhames.

Todo o povo de seu reino adotou sua preferência.

Todo o povo Ejigbô comia inhame pilado.

E tanto se comia inhame em Ejigbô que já não se dava conta de plantá-lo.

E assim, grande fome se abateu sobre o povo de Oxalá

Oxaguiã foi consultar Exu, que mandou fazer sacrifícios e procurar o ferreiro Ogum, que naquele tempo vivia nas terras de ijaxá.

O que podia fazer Ogum para que o povo de Ejigbô tivesse mais inhame? consultou Oxaguiã. Ogum pediu sacrifícios e logo deu a solução.

Em sua forja, Ogum fez ferramentas de ferro. Fez enxada e o enxadão, a foice e a pá, fez o ancinho, o rastelo, o arado.

“Leve isso ao seu povo, Elejigbô e o trabalho na plantação vai ser mais fácil. Vão colher muitos inhames, mais do que agora quando planta, com as mãos”, disse Ogum.

E assim foi feito e nunca se plantou tanto inhame e nunca se colheu tanto inhame.

E a fome acabou.

O povo de Ejigbô, agradecido, cultuou Ogum e ofereceu a ele banquetes de inhames e cachorros, Caracóis, feijão-preto regado com azeite-de-dendê e cebolas.

Ogum disse a Oxaguiã:

“Na casa de seu pai todos se vestem de branco, por isso também assim me visto para receber oferendas”.

E o povo o louvava

E Ogum ficou feliz.

E o povo cantava:

“A Kaja lóni fun Ògúnja mojuba”.

“Hoje fazemos sacrifícios de cachorros a Ogum, Ògúnja Ogum que come cachorro, nós te saudamos”. Oxaguiã disse a Ogum:

“Meu povo nunca há de se esquecer de sua dádiva. Dê-me um laço de seu abadá azul, Ogum, para eu usar com o meu axó funfun, minha roupa branca.

Vamos sempre nos lembrar de Ògúnja”. E, do reino de Ejigbô até as terras de ijexá, Todos cantaram e dançaram.

[34] Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguiã.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, [pesquisa de campo](#), salvador, 1994.

O mito dá razões para o uso de roupa branca por Ogunjá, qualidade de Ogum, e para o uso de algum pedaço de azul na roupa branca de Oxaguiã. Para Mestre Didi, Deoscóredes Maximiliano dos Santo, Oxaguiã é um Oxalá com um pouquinho de azul e Ogunjá é um Oxalá com bastante azeite-de-dendê.

#### OXÓSSI APRENDE COM OGUM A ARTE DA CAÇA (P. 112 A 113)

Oxóssi é irmão de Ogum

Ogum tem pelo irmão um afeto especial.

Num dia em que voltava da batalha,

Ogum encontrou o irmão temeroso e sem reação,

cercado de inimigos que já tinham destruído quase toda a aldeia e que estavam prestes a atingir sua família e tomar suas terras.

Ogum vinha cansado de outra guerra, mas ficou irado e sedento de vingança.

procurou dentro de si mais forças para continuar lutando

E partiu na direção dos inimigos.

Com sua espada de ferro pelejou até o amanhecer.

Quando por fim venceu os invasores,

Sentou-se com o irmão e o tranquilizou com sua proteção. Sempre que houvesse necessidade ele iria até seu encontro para auxiliá-lo.

Ogum então ensinou Oxóssi a caçar, a abrir caminhos pela floresta e matas carradas. Oxóssi aprendeu com o irmão a nobre arte da caça, sem a qual a vida é muito mais difícil.

Ogum ensinou Oxóssi a defender-se por si próprio e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente. agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra.

Ogum fez de Oxóssi o provedor.

Oxóssi é irmão de Ogum.

Ogum é o grande guerreiro.

Oxóssi é o grande caçador.

[52] Oxóssi aprende com Ogum a arte da caça.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986.

#### OXÓSSI GANHA DE ORUNMILA A CIDADE DE QUETO (P. 116)

Um certo dia, Orunmilá precisava de um pássaro raro para fazer um feitiço para Oxum. Ogum e Oxóssi saíram em busca da ave pela mata adentro, nada encontrando por dias seguidos.

Uma manhã, porém, restando-lhe apenas um dia para o feitiço, Oxóssi deparou com a ave e percebeu que só lhe restavam uma única flecha.

Mirou com precisão e a atingiu.

Quando voltou para a aldeia,

Orunmilá estava encantando e agradecido com o feito do filho, sua determinação e coragem. Ofereceu-lhe a cidade de Queto para governar até sua morte, fazendo dele o orixá da caça e das florestas.

[53] Oxóssi ganha de Orunmila a cidade de Queto.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo.

#### OXÓSSI É FEITO REI DE QUETO POR OXUM (P. 125)

Oxóssi ia para a caçada buscar comida para sua gente quando avistou Oxum nas águas doces. Encantou-se imediatamente com sua beleza, com seu deslumbramento nas águas cintilantes. Oxóssi entrou no rio para alcançar o orixá e lá ficou de amores com Oxum, esquecendo-se da fome da sua tribo.

Seus companheiros sentiram-se traídos e começaram a atirar flechas em Oxóssi, começou a cantar uma cantiga de encantamento para defendê-lo das mortíferas flechadas:

“A ti re okê.

Ati ire nu balé ba re iô”.

Dos perseguidores tiveram que fugir.

Oxum guiou Oxóssi na fuga.

Encontraram guarida na cidade de Queto, onde Oxum deu a Oxóssi o posto do rei, o Alagueto. Assim, Oxóssi, o caçador, também foi o rei do Queto.

[59] Oxóssi é feito rei de Queto por Oxum.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986.

#### LOGUM EDÉ É POSSUÍDO POR OXÓSSI (P. 141)

Logum Edé era filho de Oxum e Oxóssi, mas, abandonado pela mãe, fora criado por Oiá. Logum Edé não se dava muito bem com o pai, que era demasiadamente rude com o menino, mas gostava muito da companhia da mãe de sangue.

Como Oxum vivia no palácio das aiabás, as rainhas de Xangô, onde homem era proibido de entrar, sob ameaça de morte,

Logum Edé, para visitar a mãe, vestia-se com os trajes dela e lá passava dias e dias disfarçado na companhia da mãe e das demais mulheres, que o cobriam de gentilezas.

Um dia houve uma grande festa no Orum e todos os orixás comparecem com suas melhores roupas.

Logum Edé, contudo, não tinha roupas apropriadas, pois habitava o mato na beira do rio, como um pescador e caçador que de fato era, e como tal rudemente se vestia.

Desejando demais comparecer à festa,

Logum lembrou-se das roupas da mãe com que se disfarçava. Assim, foi ao palácio e roubou um belo traje de oxum, vestiu-se e foi à festa como os demais.

Todos ficaram muito admirados com sua beleza e elegância.

“Quem é aquela formosura parecida com Oxum?”, perguntaram.

Ifá, que era muito curioso, chegou bem perto de Logum Edé e levantou o fila de contas que escondia o rosto do rapaz.

Logum Edé ficou desesperado, pois logo todos saberiam de sua farsa.

Saiu então correndo do salão para esconder-se na floresta. Foi quando Oxóssi o avistou e o seguiu, sem o reconhecer.

Oxóssi encantou-se com sua beleza e o perseguiu mata adentro.

E, junto do rio, quando o cansaço venceu Logum Edé e ele caiu, Oxóssi atirou-se sobre ele e possuiu.

[68] Logum Edé é possuído por Oxóssi.

Fonte informada: Luís Felipe Rios do Nascimento, [pesquisa de campo](#), Recife, 1997.

#### OBALUAÊ TEM AS FERIDAS TRANSFORMADAS EM PIPOCAS POR IANSÃ (P. 206 A 207)



Chegando de viagem à aldeia onde nascera, Obaluaê viu que estava acontecendo uma festa com a presença de todos os orixás.

Obaluaê não podia entrar na festa, devido à sua medonha aparência.

Então ficou espreitando pelas frestas do terreiro.

Ogum, ao perceber a angústia do orixá,

cobriu-o com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos.

Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou, mas ninguém se aproximava dele.

Iansã tudo acompanhava com o rabo de olho. Ela compreendia a triste situação de Omulu e dele se compadecia.

Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do barracão.

O xirê estava animado.

Os orixás dançavam alegremente com suas *equedes*. Iansã chegou então bem perto dele e soprou suas roupas de *mariô*, levantando as palhas que cobriam sua pestilência. Nesse momento de encanto e ventania, as feridas de Obaluaê pularam para o alto, transformadas numa chuva de pipocas, que se espalharam brancas pelo barracão.

Obaluaê, o deus das doenças, transformou-se num jovem,

Num jovem belo e encantador.

Obaluaê e Iansã Igbalé tornaram-se grandes amigos e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos, partilhando o poder único de abrir e interromper as demandas dos mortos sobre os homens.

[99] Obaluaê tem as feridas transformadas em pipoca por Iansã.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), 1986, 1987.

A pipoca, chamada no candomblé de “flor de Obaluaê”, é uma das comidas prediletas de Obaluaê, sendo também muito usada para fazer um tipo de festão com que se enfeita o barracão nas festas deste orixá.

#### EUÁ TRANSFORMA-SE NA NÉVOA (P. 223 A 234)

Euá era filha de Nanã.

Também filhos de Nanã eram Obaluaê, Oxumarê e Ossaim.

Esses irmãos regiam o chão da Terra.

A terra, o solo, o subsolo, era tudo propriedade de Nanã e sua família.

Nanã queria o melhor para seus filhos, queria que Euá casasse com alguém que a amparasse.

Nanã pediu a Orunmilá bom casamento para Euá.

Euá era linda e carinhosa.

Mas ninguém se lembrou de oferecer sacrifício algum para garantir a emfeitada.

Vários príncipes ofereceram-se prontamente a desposar Euá. E eram tantos os pretendentes que logo uma contenda entre eles se armou. A concorrência pela mão da princesa transformou-se em pugna incessante e mortal. Jovens se digladiavam até a morte. Vinham de muito longe, lutavam como valentes para conquistar sua beleza.

Mas cada vencedor, Euá não se decidia.

Euá não aceitava o pretendente.

Vinham novos candidatos e outros combates.

Euá não conseguia decidir-se,

ainda que tão ansiosa estivesse para casar-se e acabar de vez com o sangrento campeonato.

Tudo estava feio e triste no reino de Nanã; a terra seca, o sol quase se apagara.

Só a morte dos noivos imperava.

Euá foi então à casa de Orunmilá para que ele a ajudasse a resolver aquela situação desesperadora e pôr um fim àquela mortandade. Euá fez os *ebós* encomendados por Ifá.

Os ventos mudaram, os céus se abriram, o sol escaldava a terra e, para o espanto de todos, a princesa começou a desintegrar-se.

Foi desaparecendo, perdendo a forma,

até evaporar-se completamente e transformar-se em densa e branca bruma.

E a névoa radiante de Euá espalhou-se pela Terra.

E na nevu da manhã Euá cantarolava feliz e radiante.

Com força e expressões inigualáveis cantava a bruma.

O Supremo Deus determinou então que Euá zelasse pelos indecisos amantes, olhasse seus problemas, guiasse suas relações.

[115] Euá transforma-se na névoa.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, *pesquisa de campo*, São Paulo, 1986.

Em muitos candomblés, Euá é a patrona da virgindade e da pureza. Dizem mesmo que somente uma virgem pode ser iniciada no se culto.

EUÁ CASA-SE COM OXUMARÊ (P. 117)

Euá andava pelo mundo, procurando um lugar para viver.

Euá viajou até a cabeceira dos rios e aí junto às fontes e nascentes escolheu sua morada. Entre as águas Euá foi surpreendida pelo encanto e maravilha do Arco-Íris. E dele Euá loucamente se enamorou. Era Oxumarê que a encantava. Euá casou-se com Oxumarê e a partir daí vive com o Arco-Íris, compartilhando com ele os segredos do universo.

[117] Euá casa-se com Oxumarê.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986.

#### EUÁ É ESCONDIDA POR SEU IRMÃO OXUMARÊ (P. 238 A 239)

Filha de Nanã também é Euá.

Euá é o horizonte, o encontro do céu com a terra.

É o encontro do céu com o mar.

Euá era bela e iluminada, mas era solitária e tão calada. Nanã, preocupada com a sua filha, pediu a Orunmilá que lhe arranjasse um amor, que arranjasse um casamento para Euá. Mas Euá desejava viver só, dedicada à sua tarefa de fazer cair a noite no horizonte, matando o sol com a magia que guarda na cabaça *adô*.

Naná, porém, insistia em casar a filha.

Euá pediu então ajuda a seu irmão Oxumarê.

O Arco-Íris escondeu Euá no lugar onde termina o arco de seu corpo.

Escondeu Euá por trás do horizonte e Nanã nunca mais pôde alcançá-la.

Assim os dois irmãos passaram a viver juntos, para sempre inatingíveis no horizonte, lá onde o céu encontra a terra.

Onde ela faz nascer a noite com seu *adô*.

[119] Euá é escondida por seu irmão Oxumarê.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986.

#### XANGÔ É RECONHECIDO COMO O ORIXÁ DA JUSTIÇA (P. 245)

Xangô e seus homens lutavam com um inimigo implacável. Os guerreiros de Xangô, capturados pelos inimigo, eram mutilados e torturados até a morte, sem piedade ou compaixão.

As atrocidades já não tinham mais limites.

O inimigo mandava entregar a Xangô seus homens aos pedaços.

Xangô estava desesperado e enfurecido.

Xangô subiu no alto de uma pedreira perto do acampamento e dali consultou Orunmilá sobre o que fazer.

Xangô pediu ajuda a Orunmilá.

Xangô estava irado e começou a bater nas pedras com o *oxé*, bater com seu machado duplo.

O machado arrancava das pedras faíscas, que acendiam no ar famintas línguas de fogo, que devoravam os soldados inimigos.

A guerra perdida foi se transformando em vitória.

Xangô ganhou a guerra.

Os chefes inimigos que haviam ordenado o massacre dos soldados de Xangô foram dizimados por um raio que Xangô disparou no auge da fúria. Mas os soldados inimigos que sobreviveram foram poupados por Xangô.

A partir daí o senso de justiça de Xangô foi admirado e cantado por todos. Através dos séculos, os orixás e homens têm recorrido a Xangô para resolver todo tipo de pendência, julgar as discordâncias e administrar justiça.

[124] Xangô é reconhecido como o orixá da justiça.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986.

#### IANSÃ GANHA SEUS ATRIBUTOS DE SEUS AMANTES (P. 296 A 297)

Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder. Por isso entregou-se a vários homens, deles recebendo sempre algum presente.

Com Ogum, casou-se e teve nove filhos, adquirindo o direito de usar a espada em sua defesa e dos demais.

Com Oxaguiã, adquiriu o direito de usar o escudo, para proteger-se dos inimigos.

Com Exu, adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia, para realizar os seus desejos e os de seus protegidos.

Com Oxóssi, adquiriu o saber da caça, Para suprir-se de carne e a seus filhos.

Aprimorou os ensinamentos que ganhou de Exu e usou de sua magia para transforma-se em búfalo, quando ia em defesa de seus filhos.

Com Logum Edé, adquiriu o direito de pescar e tirar dos rios e cachoeiras os frutos d`água para sobrevivência sua e de seus filhos.

Com Obaluaê, Iansã tentou insinuar-se, porém, em vão.

Dele nada conseguiu.

Ao final de suas conquistas e aquisições,

Iansã partiu para o reino de Xangô,  
Envolvendo-o, apaixonando-se e vivendo com ele para a vida toda.  
Com Xangô, adquiriu o poder do encantamento, o posto da justiça e o domínio dos raios.

[165] Iansã ganha seus atributos de seus amantes.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986.

#### OIÁ SOPRA A FORJA DE OGUM, E CRIA O VENTO E A TEMPESTADE (P. 303 À 304)

Oiá estava em guerra, mas a guerra não acabava nunca, tão poucas eram as armas para guerrear.

Ogum fazia as armas, mas fazia lentamente.

Oxaguiã pediu a seu amigo Ogum urgência, mas o ferreiro já fazia o possível.

O ferro era muito demorado para se forjar e cada ferramenta nova tardava como o tempo. Tanto reclamou Oxaguiã que Oiá, esposa do ferreiro, resolveu ajudar Ogum a apressar o fabrico.

Oiá se pôs a soprar o fogo da forja de ogum e seu sopro avivava intensamente as chamas e o fogo mais forte derretia mais rapidamente o ferro.

Logo Ogum pôde fazer mais armas e com mais armas Oxaguiã venceu logo a guerra.

Oxaguiã veio então agradecer a Ogum.

E na casa de Ogum enamorou-se de Oiá.

Um dia fugiram Oxaguiã e Oiá, deixando Ogum enfurecido e sua forja fria.

Quando mais tarde Oxaguiã voltou à guerra e quando precisou de armas muito urgentemente, Oiá teve que reavivar a forja, mas não quis voltar para a casa de Ogum e lá da casa de Oxaguiã, onde vivia,

Oiá soprava em direção à forja de Ogum. e seu sopro atravessava toda a terra que separava a cidade de Oxaguiã da de Ogum.

E seu sopro cruzava os ares e arrastava consigo pó, folhas e tudo o mais pelo caminho, até chegar às chamas que com o furor atiçava.

E o povo se acostumou com o sopro de Oiá cruzando os ares e logo o chamou de vento.

E quanto mais a guerra era terrível e mais urgia a fabricação das armas, mais forte soprava Oiá a forja de Ogum.

Tão forte que às vezes destruía tudo no caminho, levando as casas, arrastando árvores, arrastando cidades e aldeias.

O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oiá e o povo chamava a isso tempestade.

[173] Oiá sopra a forja de ogum e cria o vento e a tempestade.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, **pesquisa de campo**, Recife, 1994.

OXUM APARÁ TEM INVEJA DE OYÁ (P. 324 A 325)

Viva Oxum no palácio em Ijimu.

Passava os dias no seu quarto olhando seus espelhos. Eram conchas polidas onde apreciava sua imagem bela.

Um dia saiu Oxum do quarto e deixou a porta aberta. Sua irmã Oiá entrou no aposento, extasiou-se com aquele mundo de espelhos, viu-se neles.

As conchas fizeram espantosa revelação a Oiá.

Ela era linda! A mais bela!

A mais bonita de todas as mulheres!

Oiá descobriu sua beleza nos espelhos de Oxum.

Oiá se encantou, mas também se assustou:

era ela mais bonita que Oxum, a Bela.

Tão feliz ficou que contou do seu achado a todo mundo.

E Oxum Apará removeu amarga inveja, já não era a mais bonita das mulheres.

Vingou-se.

Um dia foi à casa de *Egungum* e lhe roubou o espelho, o espelho que só mostra a morte, a imagem horrível de tudo o que é feio.

Pôs o espelho do Espectro no quarto de Oiá e esperou.

Oiá entrou no quarto, deu-se conta do objeto.

Oxum trancou Oiá pelo lado de fora.

Oiá olhou no espelho e se desesperou. Tentou fugir, impossível.

Estava presa com sua terrível imagem.

Correu pelo quarto em desespero.

Atirou-se no chão,

Bateu com a cabeça nas paredes.

Não logrou escapar nem do quarto nem da visão tenebrosa da feiura.

Oiá enlouqueceu.

Oiá deixou este mundo.

Obatalá, que a tudo assistia, repreendeu Apará e transformou Oiá em orixá.

Decidiu que a imagem de Oiá nunca seria esquecida por Oxum.

Obatalá condenou Apará a se vestir para sempre com as cores usadas por Oiá, levando nas joias e nas armas de guerreira o mesmo metal empregado pela irmã.

[188] Oxum Apará tem inveja de Oiá.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, *pesquisa de campo*, São Paulo, 1997.

Nos candomblés, Oxum Apará usa roupas cor-de-rosa, com ferramentas feitas de latão, são atributos de Oiá.

#### OXUM MATA O CAÇADOR E TRANSFORMA-SE EM PEIXE (P. 327 A 329)

Oxum mora perto de lagoa, perto da *ossá*.

Todos os dias Oxum ia à lagoa se banhar; todos os dias ia polir suas pulseiras, seus indés; todos os dias lavava na lagoa seu *ida*.

Oxum caminhava junto às margens, sobre as pedras cobertas pelas águas rasas da beira da lagoa.

E as pedras brutas alisavam os seus pés e seus pés nas pedras ficavam mais formosos, tão macios.

Oxum ia à lagoa sempre esperando um amor, que viria um dia, espreitando, apreciar sua beleza.

Oxum caminhava nua nas pedras.

Caminhava nua, esperando pelo homem que viria um dia espiar sua exuberância.

Oxum ia à lagoa brunir os seus *indés* e na lagoa lavava seu punhal, seu *ida*.

Ia banhar seu corpo arredondado, lavar os seus cabelos, lixar seus pés nas rochas ásperas da *ossá*.

Oxum ia desnuda, pensando num amor a conquistar.

Tanto foi Oxum à *ossá* que as pedras se gastaram com seu caminhar.

Viraram seixos rolados pelo tempo, modelados e alisados sob os pés do orixá.

Aí um dia aproximou-se da lagoa um belo caçador e Oxum logo por ele se enamorou.

Dentro da lagoa Oxum dançou suas danças, dançou para o jovem caçador danças de amor, de sedução.

E o caçador deixou-se atrair por tanto encanto.

O caçador perdidamente enamorou-se de Oxum.

Não via o rosto dela, encoberto pela cascata de contas que escondia sua face do olhar dos curiosos, mas podia anteciper sua formosura.

E chamou Oxum à terra, ao prazer do amor.

Quando Oxum saía da água para entregar-se ao caçador, as contas que lhe cobriam o rosto voaram com o vento e a face de Oxum se descobriu para ele.

Terrível surpresa!

Oxum, a que gastara com os pés as pedras de tanto caminhar para o zelo da beleza, transformando pedras brutas em lisíssimos *otás*, a que não sentira passar o tempo que foi necessário para pedras brutas transformarem-se em seixos rolados,

Oxum, sim, Oxum estava velha.

Muito velha. Muito feia.

Olhos desbotados e sem viço na face gasta e enrugada pelo tempo. Era uma mulher muito velha e muito feia.

A mais feia e velha de todas as mulheres; o caçador nem podia acreditar.

Não era a mulher bela que o extasiara.

Não era a mais doce das belezas que quisera arrebatá-la.

Assustado e ofendido pelo espetáculo, ferido pela decepção, temeroso da feia visão, gritou o caçador:

"É a mulher-pássaro, a velha feiticeira!

É a terrível mulher-pássaro, Iá Mi Oxorongá!"

O caçador havia confundido Oxum envelhecida com uma das temidas feiticeiras, as Iá Mi Oxorongá.

E mais clamava o ainda assustado caçador:

"Preciso ir à aldeia avisar a todos.

Que é aqui que mora então a terrível velha mãe.

Aquela cujo nome já é ruim pronunciar!"

Oxum estava pasma. Surpresa. Enfurecida.

O ardil do tempo fora mais do que funesto.

O tempo se esgotara e Oxum não percebera, todo o tempo apurando sua beleza.

Todo o tempo banhando seus cabelos, polindo seu punhal, lavando seus indés.

Oxum não podia deixar a aldeia saber desse segredo.

Que Oxum envelhecera. Oxum Ijimi. Velha e feia.

Oxum não podia deixar-se ir o caçador.

Oxum matou o caçador com seu *idá* e depois lançou-se atormentada ao lago.

E nas águas da *ossá* Oxum se transformou num peixe.

Mas a memória de sua beleza ficou inscrita em cada um dos seixos polidos por seus pés.

A beleza de Oxum ficou para sempre nos *otás*.

Quando as águas estão altas na lagoa, Oxum, o peixe, nada para as bordas da *ossá* e ali junto aos seus *otás* rememora vaidosa sua beleza.

[191] Oxum mata o caçador e transforma-se num peixe.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1997.



Seixos colhidos nas margens dos rios são usados nos assentamentos de Oxum.

#### OS IBEJIS SÃO TRANSFORMADOS NUMA ESTATUETA (P. 369)

São filhos de Iemanjá os dois meninos gêmeos, os Ibejis.

Os Ibejis passavam o dia a brincar.

Eram crianças e brincavam com Logum Edé e brincavam com Euá.

Um dia, brincavam numa cachoeira e um deles se afogou.

O Ibeji que ficou começou a definhar, tão grandes eram sua tristeza e solidão, melancólico e sem interesse pela vida.

Foi então a Orunmilá e suplicou que Orunmilá trouxesse o irmão de volta.

Que Orunmilá os reunisse de novo, para que brincassem juntos como antes.

Orunmilá não podia ou não queria fazer tal coisa, mas transformou a ambos em imagens de madeira e ordenou que ficassem juntos para sempre.

Nunca mais cresceriam, não se separariam. São dois gêmeos-irmãos brincando eternamente, são crianças.

[214] Os Ibejis são transformados numa estatueta.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986, 1987.

#### OS IBEJIS BRIGAM POR CAUSA DO TERCEIRO IRMÃO (P, 370 A 371)

Oxum queria um filho e pediu para Orunmilá. Ele ordenou-lhe que fizesse sacrifício de dois carneiros, dois cabritos e dois galos, de dois pombos, duas roupas e dois sacos de búzios.

Quando Oxum deu à luz, não era um nem eram dois.

Oxum teve três filhos.

Mas ela não podia criar as três crianças e mandou embora o mais novo dos irmãos para poder criar os outros dois, Taió e Caiandê.

Idoú, o irmão rejeitado, não gostou de sua sorte e veio viver na cabeça dos irmãos.

Vivia ora no ori de Taió, ora no ori de Caiandê.

Idoú atormentava os gêmeos sem sossego.

Os Ibejis vivam brigando.

Oxum estava enlouquecida com as brigas dos meninos.

Foi consultar Orunmilá e ele viu a presença de Idoú.

Ele deu à mãe nove espelhos para que mirasse os filhos e visse em qual dos dois vivia o egum de Idoú.

Oxum mirou um deles e viu quatrocentos filhos.  
Mirou no segundo e não viu nada.  
Um deles teve que morrer para proteger o outro.  
Mas o gêmeo que sobreviveu não suportava a ausência do irmão.  
Ele abriu a sepultura e retirou o corpo do irmão.  
Porém o menino morto não se movia,  
por mais que o irmão vivo o chamasse ele não respondia, não o acompanhava, não o queria.  
O irmão vivo não desistiu do companheiro e amarrou o irmão morto no seu próprio corpo.  
Desde então eles passeiam juntos, atados um no outro.  
Quando eles passam alegres, discutindo, o povo diz:  
“Olha os Ibejis, olha os meninos gêmeos da Oxum”.

[215] Os Ibejis brigam por causa do terceiro irmão.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, [pesquisa de campo](#), 1997.

#### IEMANJA CURA OXALA E GANHA O PODER SOBRE AS CABEÇAS (P. 397 A 399)

Quando Olodumare fez o mundo, deu a cada orixá um reino, um posto, um trabalho.  
A Exu deu o poder da comunicação e a posse das encruzilhadas,  
A Ogum deu o poder da forja, o comando da guerra, e o domínio dos caminhos.  
A Oxóssi ele entregou o patronato da caça e da fartura.  
A Obaluaê deu o controle das epidemias Olodumare deu a Oxumarê o arco-íris e o poder de comandar a chuva, que permite as boas colheitas e afasta a fome.  
Xangô recebeu o poder do trovão e o império da lei.  
Oiá-Iansã ficou com o raio e o reino dos mortos, enquanto Euá foi governar os cemitérios.  
Olodumare deu a Oxum o zelo pela feminilidade,  
Riqueza material e fertilidade das mulheres.  
Deu a oxum o amor.  
Obá ganhou o patronato da família e Nanã, a sabedoria dos mais velhos, que ao mesmo tempo é o princípio de tudo, a lama primordial com que Obatalá modela os homens.  
A Oxalá deu Olodumare o privilégio de criar o homem, depois que Odudua fez o mundo.  
E a criação se completou com a obra de Oxaguiã, que inventou a arte de fazer os utensílios, a cultura material.  
Para Iemanjá Olodumare destinou os cuidados de Oxalá.  
Para a casa de Oxalá foi cuidar de tudo:

da casa, dos filhos, da comida, do marido, enfim. Iemanjá nada mais fazia que trabalhar e reclamar. Se todos tinham algum poder no mundo, um posto pelo qual recebiam sacrifício e homenagens, por que ela deveria ficar ali em casa feito escrava?

Iemanjá não se conformou.

Ela falou, falou e falou nos ouvidos de Oxalá.

Falou tanto que Oxalá enlouqueceu.

Seu *ori*, sua cabeça, não aguentou o falatório de Iemanjá. Iemanjá deu-se então conta do mal que provocara e tratou de Oxalá até restabelecê-lo.

Cuidou de seu *ori* enlouquecido, oferecendo-lhe água fresca, *obis* deliciosos, apetitosos pombos brancos, frutas dulcíssimas.

E Oxalá ficou curado.

Então, com o consentimento de Olodumare,

Oxalá encarregou Iemanjá de cuidar do *ori* de todos os mortais.

Iemanjá ganhara enfim a missão tão desejada.

Agora ela era a senhora das cabeças.

[237] Iemanjá cura Oxalá e ganha o poder sobre as cabeças.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1997.

#### ORUNMILA TRAZ A FESTA COMO DÁDIVA DE OLODUMARE (P. 446 A 447)

Dizem que certa vez Orunmilá veio à Terra acompanhado dos orixás em visita a seus filhos humanos, que já povoavam este mundo, já trabalhavam e se reproduziam.

Foi quando ele humildemente pediu a Olorum Olodumare que lhe permitisse trazer aos homens algo novo, belo e ainda não imaginado, que mostrasse aos homens a grandeza e o poder do Ser Supremo.

E que também mostrasse o quanto Olorum se apraz com a humanidade.

Olodumare achou justo o pedido e mandou trazer a festa aos humanos.

Olodumare mandou trazer aos homens a música, o ritmo, a dança.

Olodumare mandou Orunmilá trazer para o Aiê os instrumentos, os tambores que os homens chamaram de *ilu* e *batá*, os atabaques que eles denominaram *rum*, *rumpi* e *lê*, o *xequerê*, o *gã* e o *agogô* e outras pequenas maravilhas musicais.

Para tocar os instrumentos, Olodumare ensinou os *alabês*, que sabem soar os instrumentos que são a voz de Olodumare.

E os enviou, instrumentos e músicos, pelas mãos de Orunmilá.

Quando ele chegou à Terra, acompanhando os orixás e trazendo os presentes de Olodumare, a alegria dos humanos foi imensa.

E, agradecidos, realizaram então a primeira e grande festa nesse mundo, com toda a música que chegara do Orum como uma dádiva, homens e orixás confraternizando-se com a música e dança recebidas.

Desde então a música e a dança estão presentes na vida dos humanos e são uma exigência dos orixás quando eles visitam nosso mundo.

[255] Orunmilá traz a festa como dádiva de Olodumare.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), 1996.

Os atabaques são sagrados na religião dos orixás e igualmente recebem sacrifício.

#### ORUNMILA APRENDE O SEGREDO DA FABRICAÇÃO DOS HOMENS (P. 447)

Obatalá reuniu os matérias necessárias para à criação do homem e mandou convocar os seus irmãos orixás.

Apenas Orunmilá compareceu.

Por isso Obatalá o recompensou.

Permitiu que apenas ele conhecesse os segredos da construção do homem. Revelou a Orunmilá todos os mistérios e os materiais usados na sua confecção.

Orunmilá tornou-se assim o pai do segredo, da magia e do conhecimento do futuro,

Ele conhece as vontades de Obatalá e de todos os orixás envolvidas na vida dos humanos.

Somente Orunmilá sabe de que modo foi feito cada homem, que venturas e infortúnios foram usados na construção do seu destino.

[256] Orunmilá aprende o segredo da fabricação dos homens.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, [pesquisa de campo](#), São Paulo, 1986.

#### AJAGUNÃ GANHA UMA CABEÇA NOVA (P. 489 À 490)

Ajagunã nasceu de Obatalá.

Só de Obatalá.

Nasceu num *igbim*, num caramujo.

Logo que nasceu, Ajagunã se revoltou.

Ajagunã não tinha ori, não tinha cabeça e andava pela vida sem destino certo.

Um dia, quase louco, encontrou *Ori* na estrada e Ori fez para Ajagunã uma cabeça branca.

Era de inhame pilado sua cabeça.

Mas a cabeça de inhame esquentava muito e Ajagunã sofria torturantes dores de cabeça.

De outra feita, lá ia pela estrada Ajagunã padecendo de seus males, quando se encontrou com Icu, a Morte.

Icu se pôs a dançar para Ajagunã e se ofereceu para dar a ele outro *ori*.

Oxaguiã, com medo, recusou prontamente, mas era tão insuportável o calor que ele sentia que não pôde recusar por muito tempo a oferta.

Icu prometeu-lhe um *ori* negro.

Icu ofereceu-lhe um *ori* frio.

Ele aceitou.

A sorte de Ajagunã contudo não mudou.

Era fria e dolorida essa cabeça negra.

Mas o pior era o terror que não o abandonava de sentir-se perseguido por mil sombras.

Eram as sombras da Morte em sua cabeça fria.

Então seguiu Ogum e deu sua espada a Ajagunã.

E com a espada ele afugentou a Morte e as suas sombras.

Ogum fez o que pôde para socorrer o amigo, com a faca retirando o *Ori* frio grudado no *ori* quente.

Na operação de Ogum as duas cabeças se fundiram e o *ori* de Oxaguiã fica azulado, um novo *ori* nem muito quente, nem muito frio.

Uma cabeça quente não funciona bem.

Uma cabeça fria também não.

Foi o que se aprendeu com a aventura de Ajagunã.

Finalmente a vida de Ajagunã se normalizou.

Com a ajuda de Ogum, mais uma vez, o orixá aprendeu todas as artes bélicas e assim venceu na vida muitas batalhas e guerras.

Hoje, o seu nome, como o nome de Ogum, é lembrado entre os dos mais destemidos generais.

E foi assim que Oxaguiã foi chamado Ajagunã, título do mais valente entre todos os guerreiros.

[279] Ajagunã ganha uma cabeça nova.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, *pesquisa de campo*, São Paulo, 1997.

## CONTRIBUIÇÃO DAS FONTES PARA O LIVRO MITOLOGIA DOS ORIXÁS

Pierre Verger	41	13,6%
Lydia Cabrera	30	9,9 %
Reginaldo Prandi	24	7,9%
Agenor Miranda Rocha	24	7,9%
Rita de Cássia Amaral	18	5,9%
Rita Segato	17	5,6%
Natália Aróstega	15	4,9%
Harold Courlander	11	3,6%
Monique Augrae	10	3,3%
Willian Bascom	10	3,3%
Rene Ribeiro	8	2,6%
Roger Bastide	6	2,6%
Romulo Lachatanere	6	2,6%
Samuel Feijó	6	2,6%
Wande Abimbola	6	2,6%
Leo Probenius	6	2,6%
Noel Baudin	5	1,6%
Deoscóredes M. Santos	5	1,6%
R. S. Barbara	5	1,6%
Geofrey Parrinder	4	1,4%
Ulli Beier	4	1,4%
Juana E. Santos	2	0,6%
Bernard Maupoil	2	0,6%
Siriku Salami	2	0,6%
Souza Carneiro	2	0,6%
Sandra Epega	2	0,6%
Ogumefu	2	0,6%
Mara Vidal	2	0,6%
Outros	21	14,3%

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns mitos do livro Mitologia dos orixás citados neste texto sem fontes, geraram grandes equívocos para a comunidade Afro-brasileira.

A publicação um conceito errado para gerações de afrodescendentes é agravada quando estes conceitos querem se tornar verdade, e começam a deturpar a cultura e os fundamentos de uma divindade, como exemplo do mito em que “Logun Ede é possuído por Oxossi”, que gera um conceito tão equivocados que chega a criar um desconforto perante a sociedade, sabendo que a própria matriz possui grande preconceito e considera crime a homossexualidade.

Por isso que a análise das fontes dos mitos deve ser observada e analisada com rigor, para que o leitor possa confiar no que lê.

Não queremos gerar um descrédito ao livro de Reginaldo Prandi, que traz outros bons mitos, contribuindo significativamente para a cultura afro-brasileira. No entanto devemos ficarmos atentos aos mitos que não possuem fonte ou informações que são citados como **pesquisa de campo**, pois não tem credibilidade.